



AO SERVIÇO DA RAINHA DO MUNDO

«AO SERVIÇO DA RAINHA DO MUNDO»

Publicação orientadora do «Movimento dos apóstolos do Coração Imaculado de Maria para a difusão da mensagem de Fátima»

ANO VI -- N.º 27 -- OUTUBRO-DEZEMBRO DE 1961

Sumário

A. Nossa Saudação	1
A imaculada Conceição	2
A Tua vida divina	5
A propósito dum Concílio	7
Sob o clarão da Eternidade	12
Realismo da mensagem de Fátima	9
Advento	18
Direcção Espiritual	22
Graças da Rainha do Mundo	19
Pegadas	23

DIRECTOR

P. JOSÉ ALVES

SECRETÁRIOS

Secção feminina :

Dr.^a Carolina Augusta Perez Brandão
Rua Bocage, 59, 1.º — Lisboa

Secção masculina :

Dr. Manuel Vitorino Rodrigues Teixeira
Rua dos Ferreiros à Estrela, 44 - 1.º
Lisboa

ADMINISTRADORA

D. Maria da Conceição Rodrigues
Rua Viriato, 16, 1.º — Lisboa 1

Publica-se 6 vezes por ano, com aprovação eclesiástica. Destina-se particularmente aos membros inscritos no Movimento.

«Tudo pela grandíssima glória do nosso Pai Celeste em Jesus Cristo Nosso Senhor, por seu Divino Espírito e em união com o Santíssimo Coração de Maria»
(V. P. Libermann)

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

A Nossa Saudação

Ao nosso Santíssimo Padre o Papa João XXIII,
Ao nosso Eminentíssimo Cardeal Patriarca de Lisboa,
Aos Eminentíssimos Cardeais da Santa Igreja Romana,
Aos Excelentíssimos Arcebispos e Bispos de Portugal e do
mundo inteiro,
Ao Excelentíssimo Senhor Presidente da República,
Ao Excelentíssimo Senhor Presidente do Conselho,
A todos os nossos Governantes,
A todos os Superiores Maiores dos Institutos Religiosos
Masculinos e Femininos,
A todos os Rev.^{mos} Párocos,
A todos os Sacerdotes do Senhor,
A todos os religiosos e religiosas,
A todos os missionários e missionárias do mundo,
A todos os seminaristas e aspirantes ao sacerdócio,
A todo o povo cristão espalhado pelo Orbe,
A todos os homens que povoam a terra, fiéis ou infiéis,
grandes ou pequenos, pobres ou ricos,
A todos os leitores, compositores, tipógrafos e encaderna-
dores de «Ao serviço da Rainha do Mundo», bem como
a todos os nossos irmãos e irmãs de ideal dentro do
nosso Movimento,
A toda a Igreja do silêncio...

DESEJAMOS UM BOM E SANTO ANO NA PAZ DE DEUS,
SOB OS AUSPÍCIOS MATERNAIS DO CORAÇÃO
DOLOROSO E IMACULADO DE MARIA, MÃE DE DEUS!

*«Venho desejar-vos um Bom Ano em nome do nosso Pai e
Senhor Jesus, e de Maria, nossa queridíssima Mãe. Desejo-vos
tudo quanto para vós desejam Jesus e Maria.»*

(PALAVRAS DO VEN. PADRE LIBERMANN)

A Imaculada Conceição

«É hoje o dia da Imaculada Conceição da Bem-aventurada Virgem Maria Mãe de Deus, a qual, com o Seu pé virginal, esmagou a cabeça da serpente infernal.» — É assim, com estas palavras jubilosas e triunfais que a cada hora da liturgia desta festa, a Santa Igreja vai cantando o seu pregão de vitória. Manda-nos Ela que nos regozijemos, cantando e exaltando a Excelsa Mãe de Deus nos primeiros alvares da Sua existência.

Que deliciosa ordem esta, a que a Igreja nos dá... Com que gosto não obedeceremos nós a tão insinuante convite maternal?...

Oh! sim, cantemos, cantemos sempre, e brademos alto, tão alto que o mundo todo nos ouça, e até mesmo o inferno: Bendita e louvada seja a Santa e Imaculada Conceição da Bem-aventurada Virgem Maria Mãe de Deus... Sim, seja para sempre louvada.

Mas para que o nosso canto seja vivo, forte e sonoro, importa conhecer bem o sentido e o alcance deste singular privilégio, com que Deus engalanou a fronte da nossa rica Mãe Celeste.

Todos os fiéis sabem que, em virtude do privilégio de Sua Imaculada Conceição, a Santíssima Virgem foi concebida sem o pecado original, mas são poucos os que deste favor têm uma ideia precisa.

Há-os até que confundem no seu espírito a ideia de concepção imaculada com virgindade, em Nossa Senhora. São duas coisas muito distintas, embora ambas muito gloriosas para Ela e para nós seus filhos.

Pela palavra CONCEIÇÃO entendemos aquele momento em que uma criatura é concebida no seio de sua mãe, meses antes de aparecer à luz deste mundo. A Conceição de Nossa Senhora é, portanto, o feliz instante, em que, a igual das outras filhas de Adão e Eva, Ela foi concebida, não tendo existido até ali senão no pensamento de Deus.

A palavra IMACULADA quer dizer sem mancha, sem desvio, sem nódoa, sem sombra nem defeito, sem tortuosidade nem

imperfeição ; significa, em suma, a ausência de qualquer pecado e a presença da graça em cheio.

Dizendo que Maria foi imaculada logo no momento de ser concebida, anunciamos um grande mistério, uma verdade de fé, revelada por Deus, e compreendida, guardada, interpretada e a rios proposta e ensinada pela Igreja Infalível.

Foi a maior graça que a uma criatura humana poderia ser concedida : em vez de contrair a mancha do pecado original que consiste no estado de inimizade de Deus e na tremenda desordem das faculdades da sensibilidade, da inteligência, da vontade e do coração, Maria contraiu, sim, nesse mesmo instante, por excepção miraculosa só a Ela feita, a mais íntima amizade de Deus e a mais perfeita ordem e harmonia de todas as suas faculdades. O mesmo é dizer que a saudação — Ave, ó cheia de graça, — que o Anjo mais tarde Lhe fará, no momento da anunciação, já Lhe podia ter sido feita no momento de Ela ser concebida, que era muito verdadeira e justa. Tanto assim que os Santos Padres não sabem como exprimir uma tal superabundância de vida, dizendo muitos deles que a Santíssima Virgem era, desde esse instante, mais amável e agradável a Deus, portanto mais santa, que todos os anjos e santos reunidos.

A razão deste privilégio singular está em Ela ser amada e favorecida pelo Senhor como a futura Mãe do Verbo Incarnado, privilégio que A punha num lugar completamente à parte na ordem da graça e da glória.

O ser concebida sem a mancha do pecado original, o ser assim introduzida no mundo com esta plenitude de inocência e da santidade faz a **incomparável pureza** que convém à Mãe de Deus, a **completa vitória** digna da Mãe de Deus, e a **plenitude de graça** própria da Mãe de Deus.

E é no Seu Coração Imaculado que essencialmente reside toda a força, toda a perfeição e toda a glória desta graça excelente : Omnis gloria ejus ab intus (Ps. 44.14).

Importa, pois, que agora, uma vez conhecidas estas coisas, vivas na luz que elas projectam.

Já que a Santíssima Virgem é um prodígio de graça e de

perfeição, hás-de tomá-la constantemente como modelo. Não aprecies mais nada além da graça. Procura ser um santo, uma santa... mas a sério, e a valer. No contacto pelo espírito e pelo coração Imaculado da mimosa e delicada filha de Deus que foi Maria, tonifica a tua inteligência, rectifica a tua vontade, sara e purifica o teu coração, e segura-me essa sensibilidade, por vezes tão doentia e manhosa, dentro das linhas da rectidão, imposta pela razão e pela fé.

«O dogma da Imaculada Conceição, diz o Papa Pio XII, ao mostrar Maria isenta da culpa original, jamais vítima do pecado, é um amoroso convite a seguir, do modo possível, o elevado exemplo de conservar a alma sempre pura. Uma vez regenerada pelas águas do baptismo, esta fica revestida de cândida brancura, mas com as más acções separa-se do caminho recto e torna-se credora do castigo eterno. E haverá desgraça maior que esta? O ponto capital para o cristão é não ofender a Deus, não pecar, fazer que a alma viva sempre em graça.

Os verdadeiros filhos de Maria querem ser semelhantes a tão santa Mãe, e por isso devem combater contra as tentações, contra tudo o que possa induzir à culpa. Desta forma estimarão o grande dom da filiação divina e viverão a todo o momento uma fervente vida cristã».

Preocupa-te, então, mas em paz, por te encheres de graça, pelos três meios normais: oração, sacramentos e escrupulosa fidelidade ao teu dever de cada momento.

Se assim for, fica a saber que tens uma devoção verdadeira à Senhora da Conceição ou, o que é o mesmo, ao seu Imaculado Coração.

Não tenhas medo da serpente infernal que ruga de raiva contra ti por pretenderes ser uma cópia da Mãe de Jesus. Sê forte da força de tua Mãe. Conta com Ela, e não duvides, Ela te esclarecerá e não te faltará com a Sua ajuda para que A vejas sempre a teu lado e A imites quanto poderes.

Confia, confia muito n'Elas e lança-te para a frente, à busca de Deus, de Jesus, das almas... Por ti continuará Ela a quebrar e a desfazer toda a força do inferno.



Que significa aquele Nascimento da Vida num presépio à meia-noite?

Enquanto vais desfiando a terceira dezena do teu rosário, abismas-te à vista do teu Redentor vindo ao mundo, num despojamento tão grande!

Podia ter nascido na terra, em casa de Sua Mãe. Era pobre, mas era dela. E não quiz. Nem o tecto de Sua Mãe, nem sequer um lar humano para o abrigar. Um estábulo de animais!

As contas vão passando e tu sempre a perguntar: porquê? Mas não é tudo.

Voltas a reparar de novo: o Menino está deitado numa mangedeira. À roda dele nem parentes, nem os amigos e conhecidos dos Pais. Só pobres pastores.

Oh! Vida Divina! Oh! minha Vida Divina! Que mistério é este?

Vinhas ensinar-nos que o Pai veste os lírios dos campos, que não trabalham nem fiam, com mais beleza que todo o fasto e esplendor conseguidos pelo magnificente Salomão.

Sabias que aquele Seio donde eternamente jorra é tão grande e acolhedor, que até as aves do céu, que não fazem sementeira nem colheita, nem recolhem em celeiros, lá encontram abrigo e sustento. Vinhas chamar acréscimo àqueles bens por que se gastam e batem os homens; e dizer que só o Reino de Deus e a Sua Justiça mereciam o nosso afã e procura.

Por isso surgiste sobre a face da terra num despojamento total como fonte que irrompe fresca nas areias calcinadas dum deserto.

Não te bastou o despojamento e a nudez de qualquer criança vinda a este mundo. Faltou-te o calor do lar de Tua Mãe. Não tiveste o aconchego do berço festivamente preparado, nem te rodeou o friso encantador de sorrisos de parentes, amigos e conhecidos a dar os parabéns aos pais. Até a pátria te faltou, pois apareceste à chamada dum imperador estrangeiro.

Vida Divina! Vida do Filho de Deus! Só o Pai que está nos céus é capaz de te vestir. Só o Pai tem o alimento que te pode sustentar. Todos os lares e todas as pátrias são parcelas do seio do Pai onde tens a Tua morada. E mil sorrisos humanos são incapazes de substituir «a graça e a ternura», «todas as complacências» que o Pai em Ti pôs.

Mas... só agora reparo. Agora, que os dedos acabam de passar a última conta desta dezena me lembro e me espanto que essa Vida é a minha Vida! A minha Vida Divina.

Como tenho andado enganado, como os pagãos, preocupado com o que hei-de comer e com o que hei-de vestir; tenho-me esquecido do Pai e desta Sua Vida que Ele quis fosse também minha.

Não tenho sabido — muito pior! — não tenho querido ser pobre e fazer desta Vida toda a minha riqueza...

Ainda não aprendi o Pai Nosso.

Ainda não acabei de nascer.

O meu Natal não chegou ainda...

J. S.

«Aquele que enche o céu e a terra e cuja magestade e glória refulgem no universo, vem habitar com os homens, por meio da sua união com a Carne».

V. LIBERMANN.

A propósito do concílio ecuménico

PREÂMBULO

Viver na Santa Igreja e sentir em união com Ela, é um dos pontos de honra (verdadeira e justa honra) do «Movimento dos Apóstolos do Coração Imaculado de Maria.»

A Igreja somos todos nós que, tendo sido n'Ela incorporados pelo Sacramento do Baptismo, d'Ela continuamos a fazer parte pela profissão da mesma fé na doutrina de Jesus Cristo, pela recepção dos mesmos Sacramentos que Jesus instituiu e Ela distribuiu e pela obediência aos legítimos Pastores — Sumo Pontífice e Bispos que, em nome de Jesus Cristo, nos ensinam e dirigem pelo caminho da Salvação.

Daqui o especial cuidado que todos os Apóstolos do Coração de Maria devem pôr, como verdadeiros cristãos, em honrar, amar e acatar sempre perfeitamente a vontade destes Pastores.

Por isso ainda, a nossa revista tem sempre a peito informar todos os Apóstolos do Coração de Maria dos ensinamentos e da vontade expressa pelo Santo Padre para que todos lhe possam corresponder.

Ora, sabem todos que uma das grandes determinações do Santo Padre João XXIII, é a de realizar mais um concílio ecuménico. Manifestou ele essa Sua determinação logo no início do seu pontificado e desde esse momento não tem cessado de insistir sobre a sua necessidade e as suas vantagens para a Igreja. Sendo, pois, esta a vontade do Santo Padre, é preciso que os cristãos possam compreender este seu desejo do Concílio, para o poderem desejar com Ele e como Ele e para poderem pedir insistentemente ao Senhor que ilumine todos os nossos pastores para que, da sua presença no Concílio, saiam frutos abundantes e benfazejos para a Santa Igreja e para toda a Humanidade.

Para ajudar esta justa compreensão por parte dos seus leitores, vai esta revista do nosso «Movimento» iniciar no

próximo número, uma série de artigos sobre os concílios no próximo número, uma série de artigos sobre os concílios ecuménicos. Nesses artigos se procurará dar uma ideia da sua natureza, da sua finalidade e finalmente das suas origens e sua história. Desde já, porém, se pede a todos os Apóstolos do Coração de Maria que não fechem os ouvidos à voz insistente do Santo Padre a pedir-vos que rezemos pela realização e pelo êxito do próximo concílio ecuménico: Voz do Papa, voz da Igreja. Voz da Igreja, voz de Jesus Cristo. Aceitamo-la.

P. A.

À Imaculada

Mãe verdadeira sou dum Deus que é Filho
E Filha d'Ele sou, sendo sua Mãe;
Nasceu na Eternidade — e é meu Filho;
Eu no tempo nasci, — e sou sua Mãe!

Ele é meu Criador e é meu Filho;
Eu sua criatura e sua Mãe;
É prodígio divino o ser meu Filho,
Um Deus eterno que me tem por Mãe.

Quase comum o ser da Mãe e do Filho,
Que ao Filho deve o existir a Mãe,
E à Mãe deve o existir o Filho.

Ora se o ser do Filho vem da Mãe,
Ou se há-de ter por maculado o Filho,
Ou tem de ser IMACULADA A MÃE!

O realismo da mensagem de Fátima

II — Veemente apelo à Oração

(Continuação)

«É verdade — escreve ainda — que as primeiras graças que vêm a nós, sem nenhuma cooperação nossa, quais são a vocação à fé, ou à penitência, diz Santo Agostinho, que Deus as concede também àqueles que não rezam: não obstante, o santo tem por certo que as outras graças (e especialmente o dom da perseverança) não as conseguem senão os que rezam».

A perseverança final, a saber, o grande benefício de morrer na graça de Deus, mas só se pode impetrar com a oração. «É sentença certa — escreve o grande teólogo P. Palmieri, S. J. — que o justo pode alcançar e de modo infalível, a perseverança final, isto é, obter que não lhe faltem as graças actuais eficazes, e que seja colhido pela morte, quando estiver na graça de Deus. E por isso alcançar aquele dom tão grande da perseverança final, que é gratuito».

Santo Afonso ensina, sobre este ponto: «A graça da salvação não é uma só graça mas uma cadeia de graças, as quais depois todas se unem com a graça da perseverança final; ora, a esta cadeia de graças deve corresponder a cadeia por assim dizer das nossas orações; e se nós, descuidando-nos de rezar, quebrarmos a cadeia da nossa oração, romper-se-á também a cadeia das graças, que nos hão de obter a salvação, e assim não nos salvaremos.

«Nem basta, diz S. Roberto Belarmino, pedir a graça da perseverança uma vez ou poucas vezes; devemos pedi-la sempre, cada dia até à morte, se queremos obtê-la. Quem a pede um dia, obtê-la-á para esse dia; mas se não a pede amanhã, cairá amanhã».

«Rezai, rezai, e não deixeis nunca de rezar porque se rezardes, será certa a vossa salvação, mas se deixardes de rezar, será certa a vossa condenação».

«Assim deveriam fazer todos os pregadores, a saber, inculcar esta verdade mais que todas as outras coisas, isto é, rezar sempre. E

sempre admoestar, exclamar e repetir continuamente: rezai, rezai e não deixeis nunca de rezar.

«E assim deveriam fazer também todos os directores, para que entre todas as escolas católicas ninguém ponha em dúvida esta verdade, que quem reza obtém a graça e se salva. Mas são poucos os que assim fazem e por isso tão poucos se salvam».

E conclui: «Quem reza, salva-se certamente; quem não reza, condena-se certamente. Todos os bem-aventurados, excepto as crianças, salvaram-se com a oração. Todos os condenados perderam-se, porque deixaram de rezar: se tivessem rezado, não se teriam perdido»

Vê-se, pois, quão certa e exacta é a sentença de Santa Teresa de Jesus, repetida frequentemente por Santo Afonso: «Certamente salvaste as pessoas, que convenceste a rezar».

E não é só Santo Afonso que insiste tanto e com tanta energia na oração. Todos os grandes teólogos deram importância capital ao estudo e à exposição deste ponto tão necessário da teologia dogmática e da doutrina cristã. Basta-nos recordar São Tomás de Aquino, o anjo das escolas.

A questão na qual mais tempo demora, e à qual consagra número maior de artigos na Suma Teológica, é esta: a Oração.

Também Suarez consagra à oração da impetração dois tratados áureos, que fariam um bem imenso se fossem traduzidos e difundidos no meio do povo cristão. Depois de ter citado as palavras do Concílio de Trento: «Deus não manda coisas impossíveis, mas, impondo-as, manda que faças o que podes e que peças o que não podes», faz a seguinte observação: — pode acontecer que alguém seja culpado pela transgressão de um mandamento que lhe era moralmente impossível observar. E porquê? Porque não aproveitou a graça, que sempre temos, de pedir o auxílio que torna possível a observância dos Mandamentos.

Portanto: «pedir, pela oração, o divino auxílio, com o qual se nos torna possível a observância dos Mandamentos, é tão necessário como é necessária a própria observância dos mandamentos...»

Segue-se, pois, daí que, nos adultos, como é necessário o mérito para conseguir a glória, e como é necessária a disposição para adquirir a graça santificante assim é necessária em si e de nossa parte, a oração para obter os oportunos auxílios divinos».

S. Teresa assim se exprime acerca de si mesma: «Direi apenas isto: a porta por onde me vieram tantas graças foi sòmente a da oração: fechada ela, não sei por que outra se possam alcançar. Deus não escolhe outro caminho, se quer entrar numa alma para aí estabelecer as suas delícias e cumulá-la de bens. «O motivo por que tanto insisti neste ponto é, repito, para dar a conhecer o grande bem que faz a uma alma o Senhor, quando a dispõe a aplicar-se com boa vontade à oração. Contanto que persevere com coragem na oração, apesar das tentações, pecados e toda a espécie de recaídas em que o demónio a precipitar, e mesmo que não possua todas as disposições necessárias, tenho por certo que o Senhor as conduzirá ao porto da salvação, como me parece que também a mim me conduziu».

O ensino de Santo Agostinho, Santo Afonso e dos grandes luminares da Igreja, em torno da necessidade da oração, encontra seu fundamento na palavra de Deus. Diz o Divino Redentor: «É preciso rezar sempre e não se cansar nunca: e S. Paulo recomenda: «Rezai sem nunca cessar».

«Nenhuma coisa, dizia o sumo pontífice Pio XI, nós vemos no Evangelho, nos sermões de Nosso Senhor Jesus Cristo, recomendada com mais insistência do que a oração. Recomendou Ele muitas vezes: «Rezai, rezai: é preciso rezar, rezar sempre, não cessar nunca: rezai, pedi e obtereis...» de tal maneira era impossível satisfazê-lo na prática da oração».

A oração — afirma Pio XII — é a respiração da alma. Sem a oração frequente e fervorosa a alma torna-se anémica, a fé enfraquece, a esperança definha, e no lugar da caridade assenta-se o egoísmo, como chumbo, nos corações».

O segundo Concílio de Orange define no capítulo X: «O auxílio de Deus devem implorá-lo sempre, também os renascidos pela graça e os que se purificaram do pecado, para que possam chegar a bom termo ou perseverar no bem».

Assim também, o pequeno catecismo de Pio X responde à pergunta 175, com ensino precioso: «É necessário rezar e rezar muitas vezes, porque Deus manda, e de ordinário só pela oração concede as graças espirituais e temporais».

(Continua)

MÁRIO CORTI

«Aquele que enche o céu e a terra, e cuja Majestade e glória rebrilham em todo o Universo, veio habitar entre os homens por meio da Sua união com a carne» (V. P. Libermann).

Toda a liturgia do Advento e do Natal tem por ideia central a **vinda do Senhor**, a primeira e a segunda vinda. A primeira, a da Incarnação e do Seu aparecimento entre nós; a segunda, a do último dia.

Avivar e robustecer a nossa convicção de fé na primeira vinda do Senhor a este mundo e fazer passar essa fé para as nossas obras, de modo a podermos estar confiados, a quando da segunda vinda, tal parece ser o pensamento dominante das orações destas solenidades. **Lex orandi, lex credendi.** Quer dizer, os sentimentos que a Igreja quer ver dominar em nossos corações, Ela no-los exprime bem claramente na voz da sua oração.

«Ó Deus, se lê na oração da Vigília, ó Deus, que todos os anos nos alegras com a esperança da nossa redenção: concedei-nos, que assim como **agora**, alegremente recebemos a Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho Unigénito como nosso **Redentor**, assim também O cheguemos a ver confiada-

SOB O CLARÃO

mente (**amanhã**) como nosso **Juiz**».

E na primeira missa da meia-noite de igual modo se reza: «Ó Deus, rogamos-Vos que nos concedais que, assim como na **terra** hemos conhecido os mistérios da Sua Luz, assim no **céu** gozemos das Suas alegrias...»

E noutro passo: «Ó Senhor nosso Deus, concedei-nos que, assim como nos alegramos com celebrar o Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, frequentando estes sacramentos, assim por meio de uma conduta digna, mereçamos chegar à união com Ele...»

Não menos cheia de sentido escatológico é a oração da comunhão da missa do dia: «Dignai-Vos conceder-nos, ó Deus onnipotente, nós Vo-lo suplicamos, que, assim como o Salvador do mundo, hoje nascido, nos foi causa de regeneração, seja Ele também o dador da nossa imortalidade...»

Por outras palavras, para quem celebra com fé viva e recebendo os sacramentos (pelos quais se faz a comunhão íntima com cada um dos mistérios do Salvador) o mistério do Natal, há uma graça singular

DA ETERNIDADE

que lhe é comunicada: a de uma maior participação da filiação divina, de modo a sentir dentro de si o que Cristo em Si mesmo sentia, e a levar uma vida de autêntico filho de Deus, «na expectativa do grande dia, vivendo com sobriedade, com piedade, com justiça, na abnegação da impiedade (falha de oração e de respeito por Deus) e dos desejos do século (independência, cobiça e sensualidade), até que chegue o dia da revelação em que se verá quem foi filho e quem foi escravo, quem escolheu a Vida e quem A rejeitou...

Escolha ou rejeição da Vida Eterna... eis o grande mistério que faz felizes ou infelizes os homens. Debrucemo-nos um pouco sobre este tema tão palpitante, sugerido pela celebração festiva do mistério que o Discípulo Amado canta em termos tão realistas como convictos: «Anunciamos-vos a Vida eterna que estava com o Pai e se manifestou a nós e que nós ouvimos, vimos com os nossos olhos, contemplámos e tocámos com as nossas mãos, é essa Vida que vos anunciamos

e dEla damos testemunho...» (I, S. João, 1-10).



Dirigindo-se a um jovem missionário, a quem procurava consolar por seus penosos trabalhos e dificuldades, o Venerável Padre Libermann escrevia estas palavras: «Pobre filho, regozijai-vos no meio dessas angústias de espírito e de coração. Não estamos neste mundo numa cidade permanente: tudo passa, tudo desaparece com a rapidez de um relâmpago. Felizes daqueles que sofrem: não se apegarão a este mundo que passa e terão sempre em mira aquele que não passa, a celeste pátria, onde Jesus nos espera com os brilhantes raios de glória que resplandecem à volta de Sua santa cruz».

Quer dizer, os santos para si como para outros nada mais tinham em vista senão a gloriosa eternidade e por ela se batiam até ao heroísmo. E todos de uma maneira ou doutra, são a versão autêntica do nosso Credo que, todo ele, por sua vez, se resume no seu último artigo: **creio na vida eterna.**

Para o homem de hoje, aturdido com os milagres da técnica ou voos interplanetários, e embriagado com os frutos da mentalidade pagã paradisíaca que

hoje faz lei geral, é-lhe difícil abordar o pensamento da eternidade e mais difícil pautar por ela a sua norma de vida.

E no entanto, esta é que é a verdade. De nada nos servirá a vida, a saúde, o prestígio, o talento, o engenho e até a mesma fortuna se a tudo isso se não der o sentido da eternidade. Pelo contrário, longe de nos tornarem felizes, as coisas que não levarem esta direcção, ou são perdidas, apesar de por vezes laboriosas, ou se tornam perigosas, nocivas, quando não destruidoras e mortíferas.

É ainda de Libermann a exclamação seguinte: «Oh! como é insensata esta gente que estima as honras, os prazeres e as riquezas deste mundo e as cobiça. São como estes pobres que morrem de fome, de sede e de miséria. Se lhes acontece sonharem durante a noite que deram com um tesouro, que estão magnificamente vestidos, que estão sentados a uma mesa sumptuosa onde comem e bebem com delícias, um tal sonho de nada lhes servirá; bem depressa despertarão com as mesmas necessidades de antes e a sua desgraça não faz senão crescer com este gozo imaginário. Assim é para aqueles que

amam o mundo: andam num sonho, crêem-se felizes e não o são. Mais um pouco tempo e ei-los que despertarão na eternidade e então sentirão todo o seu mal e será uma desgraça sem esperança. O sonho passou e a desgraça é eterna.»

O pensamento da eternidade é de um valor único para nos fazer tomar a vida a sério. É que depois disto, será o céu ou o inferno.

As vantagens do pensamento da eternidade, dá-no-las o Divino Espírito Santo na de todos bem conhecida sentença dos Livros Santos: «pensa nos teus novíssimos e nunca mais pecarás».

— **Quid hoc ad aeternitatem** — de que serve isto para a eternidade? — diziam os santos frequentemente, procurando no «momentaneum et leve tribulationis nostrae» das coisas temporais que se vêem, o «aeternum gloriae pondus» das coisas eternas que se não vêem.

É que o pôr os olhos na eternidade dissipa as tempestades de alma, acalma os ventos das paixões, purifica as intenções, rectifica certos desvios de sensibilidade e de vaidade, faz nascer a paciência, a doçura e suavidade, reanima a fé, robustece a esperança e consolida-a

ao mesmo tempo que enche de brilho e calor a caridade, a qual, por sua vez, desabrocha em multímodas formas de boas obras e em frutos dignos de penitência.

«Oh! que feliz tempo o da eternidade! dirá Libermann. Que nos importará então de termos sido felizes ou infelizes sobre esta terra miserável e cheia de tristezas!»



Para as almas Mariais que passam a vida numa intimidade especial com o Coração maternal de Nossa Senhora, o pensamento da eternidade é-lhes muito fácil e como que natural: Rogai por nós, Santa Mãe de Deus, para que sejamos dignos das promessas de Cristo.

Educadas até ao pormenor por Aquela que é o «candor da Luz eterna», tudo vêem, julgam, apreciam e regulam «sub lumine aeternitatis» — sob o clarão da eternidade. Foi assim com os Santos notoriamente Mariais como S. Bernardo ou S. Luiz Grignon de Monfort, foi assim com Libermann, com Bernardette, com Teresa de Ávila e Teresa do Menino Jesus, foi assim que com os três videntes de Fátima, e há-de ser sempre assim com todas as almas que frequentam a companhia da humilde Virgem de Nazaré: «qui

me invénerit, inveniet vitam.»

É com Ela — Casa de Deus e Porta do céu — que pensamos em Deus, em Jesus, na Santíssima Trindade, isto é, que pensamos na Eternidade, no penar de cada dia. E, por termos assim andado com Ela — **a sempre viva** — que vive para sempre com Deus, com Ela viveremos nessa gloriosa eternidade, tornado-se ainda mais comprovado o bem conhecido princípio de «que nunca se ouviu dizer que viesse a perecer eternamente uma alma amiga de Nossa Senhora».

E que felicidade a de uma alma que sempre viveu na união e ao serviço de Maria!... Vamo-nos regozijando já com as perspectivas dessa alegria que ultrapassa tudo o mais que se possa dizer: com Ela contemplar a Jesus, com Ela contemplar a Santíssima Trindade!...

As almas particularmente unidas a Maria sobre a terra terão uma alegria muito distinta lá no céu. E se na terra passaram a vida a fazê-la conhecida e amada, lá no céu hão-de elas continuar este apostolado, mas numa escala ainda mais vasta, até ao fim do mundo. A experiência aí está. Tomemos um ou outro caso entre muitos.

— «Sim, dizia Isabel da Trin-

dade, nos últimos momentos da sua vida. Sim, é verdade... é a Santíssima Virgem — a Porta do céu — este ser todo luminoso, todo puro da pureza mesma de Deus, que me tomará pela mão para me introduzir no céu, no céu tão deslumbrante... Quando eu tiver dito o meu «consumatum est» será Ela — a Janua coeli — que me introduzirá nos pátios divinos, dizendo-me baixinho a misteriosa palavra do Salmo: «grande alegria senti quando me foi dito: vamos para a Casa do Senhor».

— «Oh! tu que me sorrreste na manhã da minha vida, dá-me de novo o teu sorriso, eis que é chegado, ó Mãe, o fim do dia», dizia a pequenita flor de Lisieux. Minha boa Santíssima Virgem, eu quêria partir... eu queria ter uma santa morte... Assim pedi a Nossa Senhora. Pedir a Nossa Senhora não é o mesmo que pedir a Deus Pai. Ela bem sabe o que tem a fazer dos meus pobres desejos, se é preciso dizê-los a Deus ou não...»

E Teresa do Menino Jesus que assim falava, horas antes de morrer, chegado que foi a sua hora — às 6 da tarde daquele dia 30 de Setembro — quando os sinos davam as Trindades, levanta os olhos supli-

cantes para a estátua da Santíssima Virgem e assim fica silenciosa até às 7 horas, hora em que de olhos no crucifixo (ensinada pela Mãe do Amor Formoso...) deixa ouvir a sua última palavra de amor extasiado: «oh!... eu amo-O!... Meu Deus!... eu... Vos... amo!»

Recordemos que já de pequenita, aos 11 anos, Santa Terezinha era encontrada pelas Mestras do Colégio, escondida entre as árvores do jardim como que a meditar e perguntando-se-lhe o que fazia, dava como resposta que «estava a pensar em Deus, na brevidade da vida, na eternidade».



Pensar na eternidade ou viver sob o clarão da eternidade consiste precisamente nisto: em chegar a surpreender momento por momento até ao pormenor a ligação íntima e misteriosa que há entre a nossa vida com suas acções e a vida de Deus a nós comunicada por Seu Filho Bendito, Nosso Senhor Jesus Cristo. Melhor dito, viver sob o clarão da eternidade é ir descobrindo dia a dia que Deus nos ama e esforçamo-nos por amar com Ele, a Ele primeiro, a nós depois e aos outros como a nós. Daí a renúncia, a oração, o trabalho das virtudes, o esforço pelo próprio aperfeiçoamento,

a fidelidade ao dever, a contínua vigilância e a luta de cada dia, de morte para o que é terreno e de vida para o que é celeste. Se a vida eterna «está em conhecer ao único e Verdadeiro Deus e ao seu Enviado, Jesus Cristo, Seu Filho», preciso se torna, por meio das meditações, exames, retiros e outros exercícios de direcção espiritual, considerar os nossos actos à luz dos interesses de Deus, de Jesus, dando-nos conta de como, por eles e com eles, asseguramos este conhecimento íntimo e cordial do nosso Deus, promovendo a Sua glória e mostrando-lhe o nosso amor prático, ao mesmo tempo que nos entusiasmos por Ele, gastando-nos no Seu serviço.

Pensar na eternidade é viver num contínuo, ainda que doce e pacífico, exame de consciência, ouvindo desde já, como Jerónimo, a trombeta que nos chamará a juízo.

Sim, pensemos na eternidade e nunca mais teremos vontade de pecar, antes serviremos a Deus Altíssimo no santo temor e na fidelidade de cada dia como a humilde Virgem de Nazaré.

Sob o clarão da eternidade, tudo tem um sentido e um valor: decidem-se vocações, caminhos de vida de renúncia, de

sacrifício, de separação heróica do mundo.

Sob o clarão da eternidade, apreciam-se devidamente os sacramentos, em especial o da Santíssima Eucaristia, valoriza-se o apostolado, despindo-o da costumada inveja ou vaidadezinha, justifica-se o sacrifício e elevam-se os juízos de apreciação da vida.

Sob o clarão da eternidade, dá-se rumo novo à vida em proveito dos outros, furtando-nos assim ao feroz egoísmo, colocam-se fortunas dentro dos planos da Providência para as obras de Deus, e aceitam-se crucifixões vivas, misteriosas em reparação ao Senhor.

A esta luz, melhor se compreende a expressão de Libermann, ao transmitir a um membro de sua família os votos de novo ano: «Se fosseis filhos deste século, começaria por vos desejar um Bom Ano; como, porém, sois filhos de Deus, contentar-me-ei com desejar-vos uma boa eternidade».

Sim, eu quero crer... eu creio na vida eterna, afastando-me de vez e para sempre de todo o o mal e entregando-me a toda a sorte de bem pelo pouco ou muito tempo que tenha ainda a viver neste mundo... e **viverei eternamente.**

O. T.

Advento

O tempo do ano que vem antes do Natal, é chamado o Advento. Espera-se a vinda do Senhor.

O Natal relembra que um dia Ele veio e habitou entre nós, porém o Natal, no Advento, anuncia que o Senhor tornará a vir, afim de julgar os vivos e os mortos.

O bom cristão é o homem todo voltado para esta segunda vinda de Jesus Cristo. A orientação da vida de um cristão é ter os olhos virados para o Senhor Jesus, que vem, que é a esperança, que é a chave da história.

Esta atitude de direcção total à vinda do Senhor faz com que o cristão seja um homem de horizontes abertos. Todas as particularidades da vida se articulam nesta direcção, como as partículas de ferro atraídas pelo imã.

É por isto que se fala em vigilância. Devemos vigiar e orar.

Quem espera está sempre alerta. Quem vive numa feliz expectativa, não se deixa prender pelas flores do caminho.

Quem não sabe a hora nem o dia está sempre atento, para quando ouvir a voz que chama à grande realidade.

Qual é a atitude dos que esperam na ante-sala de um teatro, de um banquete, ou de uma sala presidencial? É a prontidão, é o coração batendo, são «os ouvidos em pé»! Quando o ladrão assalta uma casa, não avisa antes e toma a todos de surpresa. É o que acontecerá com aqueles que não vigiam, e não vigiam, porque Cristo para eles não é uma esperança.

Mas o verdadeiro cristão vê em todos os sinais e ouve em todos os sons a voz alviçareira:

«Eis que vem o Esposo»!

Graças da Rainha do Mundo

A MEDALHA MILAGROSA

(Continuação)

1 — A BONDADE DA SANTÍSSIMA VIRGEM

Era em Paris, em Outubro de 1944, num grande edifício dos correios. Uma Filha da Caridade espera pacientemente a sua vez, para registrar uma carta. Depois de longa espera, dirige-se à empregada, rapariga com ar muito preocupado. Esta fita a Irmã, hesita e decide-se a falar, depois de ter registada a carta:

— Ó minha Irmã, posso pedir-lhe uma oraçãozinha? Estou tão aborrecida!

— Ó sim, menina, de todo o coração, responde a Irmã.

— Prometo-lhe. Tenha confiança!

Animada por estas palavras, a empregada começa:

— Imagine, minha Irmã, que me aconteceu uma coisa muito aborrecida. Anteontem à tarde, faltaram-me 1 500 francos na caixa. Impossível saber a causa desta falta. É uma quantia enorme para mim que sou pobre e tenho minha mãe a meu cargo...

— Faça uma novena a Nossa

Senhora da Medalha Milagrosa, diz-lhe a Irmã. Fá-la-ei consigo. Começá-la-emos hoje, se quiser. Tome, aqui tem uma medalha.

— Oh! muito obrigada, minha Irmã; sois tão boa! Que é preciso dizer?

— Se quiser, recitaremos três Ave-Marias e três vezes a invocação gravada na medalha: «Ó Maria concebida sem pecado...

— Entendido.

Alguns dias mais tarde, a Irmã, que morava no bairro, teve necessidade de voltar ao correio. A jovem empregada, vendo-a, imediatamente a conheceu do seu postigo. Estava alegre.

— Ah! minha Irmã, diz ela, logo no terceiro dia da novena fui atendida! Imagine que o empregado principal do correio, quando contava o dinheiro da sua caixa, viu que tinha um maço de notas de 1 000 francos, com onze notas, em vez de dez! Uma hora mais tarde, uma pessoa trazia-me 500 francos que eu lhe tinha dado a mais, por engano. Essa pessoa, ao fazer as suas contas, encontrou a mais os 500 francos. Graças à Medalha Milagrosa, foram encontra-

dos os 1 500 francos. Todos os colegas da minha repartição querem esta medalha. Pode dar-ma?

Adivinha-se a satisfação com que a religiosa deixou uma provisão de medalhas, na repartição da feliz empregada!

2 — CONVERSÃO DUMA POBRE CANTORA DA RUA

Uma Filha da Caridade de Bordéus conta a seguinte tocante conversão:

«Pelos fins de Agosto, soube providencialmente que uma pobre mulher, cantora da rua, cujos sentimentos eu ignorava, estava gravemente doente. Sem tardar, fui ter com a Senhora H..., que encontrei ocupada a remendar.

— Quem lhe disse que eu estava doente? Pergunta ela.

— O seu médico que encontrei, por acaso.

— Com efeito, estive ontem a morrer, mas isso não me meteu medo. E depois não quero que os sacerdotes venham cantar na minha presença, depois de morta; cantei bastante durante a vida.

Quero ser enterrada civilmente, como meu marido.

E continuando, diz toda a espécie de impropérios contra a religião e seus ministros. No entanto, notei na sua conversação

uma grande rectidão e um raro bom senso, que me persuadiu de que havia naquela alma mais ignorância do que maldade.

Quando a deixei, atrevi-me a oferecer-lhe uma medalha.

— Dê-me o fio disse ela, guardá-lo-ei como lembrança, mas a medalha, não a quero; não quero que se diga: «Celestina gritou tanto durante a vida e depois de morta, encontraram-se-lhe medalhas»

Visitava-a frequentemente; era sempre bem recebida; a doente estranhava, quando passavam dois ou três dias, sem que eu a fosse ver; apesar disto, a querida Medalha, oferecida muitas vezes, era sempre recusada. Como a senhora me chamava «sua filhinha», aproveitei para lhe dizer: Não quer dar gosto à sua «filhinha» visto não querer aceitar uma Medalha que lhe quer dar.

Não respondeu.

Devido ao seu silêncio, pus-lhe uma ao pescoço, sem que fizesse resistência. Era o primeiro passo; saí muito contente, redobrando as mnhas súplicas à Mãe do Céu, com a firme convicção de que seria ouvida. A minha confiança não falhou. Com efeito, a partir desse dia, pude preparar a minha querida doente para receber os Sacramentos: Maria Imaculada tinha-

-lhe mudado completamente o coração.

Confessou-se, com grande espanto de quantos a conheciam. Era tempo: Dois dias depois, mandou alguém chamar o senhor Prior, a toda a pressa, para lhe administrar o Sacramento da Extrema - Unção. Morreu algu-

mas horas depois, reconciliada com Deus graças à poderosa intercessão da Santíssima Virgem».

IRMÃ GERMANA
Filha da Caridade

(Continua)

O Nosso Movimento

Ninguém duvida de que o nosso Movimento está perfeitamente integrado na Mensagem de N.ª Sr.ª de Fátima. A certeza de que ele é do inteiro agrado do Imaculado Coração de Maria, aonde vai haurir toda a sua vitalidade, deve encher-nos de consolação e entusiasmo.

Tem por missão difundir a Mensagem de Fátima, tendo recebido para isso a aprovação da Hierarquia da Igreja; outro motivo de consolação.

Porém esta Mensagem difundir-se-á só na medida em que os seus apóstolos se parecerem com a Celeste Mensageira.

Reuniões

Para alimentar e manter sempre viva a chama do nosso Movimento, bem seria que os seus elementos se reunissem de vez em quando, nos locais onde haja centros. Estas reuniões fomentam a união, donde sai a força para prosseguirmos com mais ânimo.

Neste sentido, o centro de Lisboa tem promovido e continuará a promover, no 3.º domingo de cada mês, uma reunião para a qual são enviados mais de trezentos avisos-convites. Comparecem apenas cerca de dez por cento.

Quais os motivos de tão fraca afluência?

Não queremos pensar em menor apreço pelo Movimento. Não agradará o programa das reuniões? É possível.

Agradecemos todas as sugestões, em vista duma melhoria, pois temos todo o interesse em que estas reuniões surtam os melhores frutos.

DIRECÇÃO ESPIRITUAL

*segundo a doutrina do Venerável Padre
Francisco Maria Paulo Libermann*

«Os escritos e o exemplo do P. Libermann arrastam a quantos o estudam até às profundezas da renúncia cristã, da união com Deus, da paz interior, onde se alimentam as virtudes fundamentais da acção missionária e do zelo autêntico da salvação das almas».

(S. S. Pio XII, 16 de Janeiro de 1952)

Carta n.º 222

Pedis-me que satisfaça o vosso pedido, há já tanto tempo formulado, de vos dar a explicação da oração — **O JESU VIVENS IN MARIA.** (1)

Eis tudo o que vos sei dizer. Não conheço a sua história, apenas sei que foi composta pelo padre De Condren. Creio, e nisto fui sempre do mesmo parecer, que ele a compusera para honrar o mistério da Encarnação e os efeitos produzidos em Maria, com o fim de reproduzir em nós os mesmos efeitos que são deveras admiráveis.

É certo que tudo o que Deus nos dá não no-lo torna a tirar. Deus não se arrepende dos seus dons, diz S. Paulo. Se os perdermos é por nossa culpa, pelas nossas faltas, imperfeições e negligências em corresponder a estes dons divinos.

O mesmo não acontecia, porém, com a SSma. Virgem, para quem não havia possibilidades de perder o que uma vez recebera; antes pelo contrário, crescendo de dia para dia em pureza e santidade,

e aumentando cada vez mais os transportes de amor divino no seu coração (que deve ser o nosso modelo e te-soiro) conservava-se Ela ao mesmo tempo na mais perfeita fidelidade. Todas estas graças e dons produziram nela frutos que a inteligência humana não pode sequer compreender. Nela, os dons de Deus eram permanentes, desenvolvendo-se e crescendo sempre na medida do possível.

Por isso, embora Nosso Senhor não ficasse corporalmente a viver em Maria no entanto aquela incomparável união com a Divindade que pela Encarnação do Verbo se havia operado nela permaneceu durante toda a sua vida e permanecerá durante toda a eternidade.

Todos estes dons e todas as graças que precederam, acompanharam ou seguiram esta união, serão, para sempre, o ornamento da alma santíssima de Maria, bem como todas as perfeições divinas que lhe foram comunicadas pelas três adoráveis pessoas da SSma. Trindade.

(Continua)

(1) Oração, todos os dias recitada pelos missionários e missionárias do Espírito Santo, e cujo texto é o seguinte: *Ó Jesus, vivendo em Maria, vinde e vivei nos Vossos servos, no espírito da Vossa santidade, na plenitude da Vossa força, na perfeição dos Vossos caminhos, na verdade das Vossas virtudes, na comunhão dos Vossos mistérios, a dominar, por Vosso Espírito, todas as forças inimigas, para glória do Pai. Assim seja.*

Nas Pegadas dos Mártires

SANTA MARGARIDA

É uma história que dá gosto contar de linda que ela é.

Aí pelos quinze anos andava Margarida mai-la sua inocência, a guardar ovelhas, lá para as bandas de Antioquia no cabo do mundo antigo. De entretida que andava com a sua cantiguita, nem reparou que lá atrás, para cá da curva da estrada imperial, vinha gente. Gente que devia ser de importância a julgar pela comitiva que se vinha aproximando.

Nem mais. Era o Prefeito Olíbio, que dava ordens naquelas colinas e pelos vistos regressava à cidade.

— Olha que linda pastora!

E mandou que lha trouxessem.

Donde era, como se chamava, qual a sua religião? As perguntas do costume.

E Margarida não se assustou.

— Sou de família nobre, chamo-me Margarida e sou cristã.

O Prefeito torceu o nariz.

— Uma menina nobre e bela como tu pode porventura adorar a Jesus Cristo, um crucificado?

— Como sabes que Cristo foi crucificado?

— Então, li-o nos livros dos cristãos. Margarida:

— Pois se leste que Cristo foi crucificado, certamente que não deixaste de ler também que ressuscitou e subiu ao céu. Como é que acreditas numa parte do que dizem os livros dos cristãos e não reparas na outra?

O Prefeito, desarmado por esta e outras respostas com que não contava, irritou-se e ordenou que a levassem para as prisões da cidade.

Ao outro dia lá estava ele, outra vez: — Deixa-te de fantasias! Pensa na tua beleza, no teu futuro e adora os nossos deuses. Só lucrarás com isso.

Mas o que ela lucrava sabia-o Margarida melhor que ele.

— Eu adoro Aquele a quem temem o mar, a terra, as estrelas e todas as criaturas.

Então o Prefeito disse-lhe claramente que se ela continuasse com aquele latim, mandá-la-ia dilacerar imediatamente; que não estava para festas.

— Jesus morreu por mim; serei feliz se morrer por Ele.

— Ai sim? Muito bem.

E o Prefeito mandou que a suspendessem num cavalete e a açoitassem sem misericórdia, até que o sangue deu em correr com tal abundância, que só o ver tal martírio fazia chorar as pedras. Foi por isso que os esbirros tiveram pena dela.

— Margarida, obedece pelo menos agora para acabarmos com este espectáculo.

— Não vos comovais por minha causa, os tormentos do corpo são a saúde da alma.

Até o próprio Prefeito não teve forças para assistir ao espectáculo, até ao fim, pelo que tapou a cara com as mãos e mandou aos carrascos que acabassem com aquilo e a levassem para a masmorra.

A prisão era escura e fria. E o demónio aproveitou-se das circunstâncias para assustar a mártir de Deus. Ali lhe apareceu, horrendo, sob a forma de um dragão que fazia tremer as paredes da prisão. Mas bastou a santa fazer o

sinal da Cruz para todas aquelas imagens horripilantes se desfazerem como sombra.

Quando a manhã rompeu, a Virgem foi levada à presença do juiz, que diante da multidão a mandou sacrificar aos deuses — e como ela se mantivesse firme nos propósitos do dia anterior mandou que lhe tirassem os vestidos e lhe queimassem as carnes com tochas de fogo. A multidão não compreendia resistência tamanha a um suplício daquelas proporções. E os bons resultados de uma tal coragem e fé não se demoraram em aparecer.

As conversões começaram a surgir e cresciam que era um louvar a Deus.

Diz Jacob Veragine na sua «Lenda Áurea» que passaram de milhares os convertidos daquela hora.

E foi então que vendo as coisas mal paradas que o prefeito mandou que a decapitassem para arrumar com aquela procissão.

Foi a Santa quem disse ao verdugo:

— Irmão, toma a espada e fere-me.

É que a Santa tinha saudades do Céu, lá do alto onde estava o seu amor e onde a esperava uma felicidade sem fim, grande como Deus é grande.

T. N.

Pela nossa Revista

«Ao serviço do Rainha do mundo» não quer ser uma revista a mais ao lado de tantíssimas outras. Não lhe interessa, nem a colheita de assinaturas, nem os anúncios ou reclames que enchem as capas e contra-capas de outras revistas. Sem fins comerciais, destina-se apenas a manter bem viva a chama do amor ao Coração Doloroso e Imaculado de Maria, tal como se revelou em Fátima, em todos quantos ingressarem no nosso Movimento ou com ele simpatizem.

Deste modo, não se fala aqui de preço de assinatura.

A sustentação da nossa Revista fica ao cuidado de nós todos, que nela pensaremos e por ela nos interessaremos como coisa própria nossa.

É precisa a ajuda de todos. O nosso desleixo neste ponto pode impedir a publicação da nossa Revista.

Para maior facilidade de serviço avisa-se que as esmolas destinadas à nossa Revista devem ser enviadas para:

D. MARIA DA CONCEIÇÃO RODRIGUES

Rua do Viriato, 16 — Lisboa

De qualquer esmola ali recebida será acusada recepção.

Quer inscrever-se no nosso Movimento?

QUER viver no aconchego maternal do Coração Imaculado de Maria? Quer dar uma resposta ao pedido de Nossa Senhora em Fátima quando disse: «Deus quer estabelecer no mundo a devoção ao meu Imaculado Coração»?...

Pois bem, inscreva-se no **«Movimento dos apóstolos e apóstolas do Coração Imaculado de Maria para a difusão da mensagem de Fátima»**.

Este movimento pretende, numa organização toda espiritual, sem bandeira nem distintivo, congregar e unir à volta do Coração vivo e glorioso da Mãe de Deus e Rainha do céu todas as almas de boa vontade que sonham com o ideal de pôr a vida ao Seu serviço, consagrando-se por inteiro a Ela, em resposta à mensagem de Fátima, a fim de melhor servir a Santa Igreja, cada um conforme a sua condição e vida.

Quem enfileira neste movimento compromete-se a:

- 1) Consagrar-se totalmente ao Imaculado Coração de Maria e levar os outros a fazer o mesmo.
- 2) Guardar e defender com ciúme santo a graça baptismal, alimentando-a frequentemente com os sacramentos de modo a ser, como Maria, sacrário vivo do Espírito Santo.

- 3) Lutar até ao martírio pela pureza de corpo e de alma, em si e nos outros, e seguindo sempre, sobretudo no vestir e nos passatempos, as regras do pudor e da decência cristã.

- 4) Encher a vida de oração reparadora, em particular por meio dos 15 mistérios do Rosário, diària e meditados.

- 5) Dar-se a toda a sorte de apostolado dentro das condições de vida e segundo a manifestação da santíssima Vontade de Deus à própria consciência.

- 6) Difundir o movimento e atrair a ele o maior número de almas possível.

- 7) Assinar a revista do movimento: **«Ao serviço da Rainha do mundo»**.

Este movimento está mais que aprovado pela Hierarquia como sendo um dos mais preciosos e eficazes auxiliares da A. C. e a «resposta mais adequada à mensagem de Fátima». É tido ainda como uma das melhores formas de «realizar eficazmente a campanha da pureza» tão pedida e recomendada pela Santa Sé.

...Peça informações aos Secretários do Movimento.



Qual é precisamente a mensagem de Fátima?...

Creio que poderia resumir-se nestes termos: a revelação do Imaculado Coração de Maria ao mundo actual.

(Palavras de S. Eminência o Senhor Cardeal Patriarca)